

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OUTRAS SESSÕES
9 e 26 de julho de 2025

LITTLE MISS SUNSHINE / 2006
(Uma Família à Beira de um Ataque de Nervos)

Um filme de Jonathan Dayton, Valerie Faris

Realização: Jonathan Dayton, Valerie Faris / Argumento: Michael Arndt / Direção de Fotografia: Tim Suhrstedt / Montagem: Pamela Martin / Produção: Albert Berger, David T. Friendly, Peter Saraf, Marc Turtletaub, Ron Yerxa / Produção Associada: Bart Lipton / Produção Executiva: Michael Beugg, Jeb Brody / Música: Mychael Danne DeVotchKa / Casting: Justine Baddeley, Kim Davis-Wagner / Design de Produção: Kalina Ivanov / Direção Artística: Alan E. Muraoka / Guarda-roupa: Nancy Steiner / Interpretações: Abigail Breslin (Olive), Greg Kinnear (Richard Hoover), Paul Dano (Dwayne), Alan Arkin (Edwin Hoover), Toni Collette (Sheryl), Steve Carrell (Frank), Bryan Cranston (Stan Grossman) / Cópia: 35mm, a cores, falado em inglês com legendas em português / Duração: 101 minutos / Estreia Mundial: 20 de janeiro de 2006, Festival de Sundance / Estreia Nacional: 12 de outubro de 2006 / Primeira apresentação na Cinemateca.

A sessão de dia 9 tem lugar na Esplanada

O que é um vencedor e o que é um perdedor na vida? A resposta é simples ou, vendo melhor, a resposta é complexa. É isso, afinal, que nos “ensina” **Little Miss Sunshine**, em jeito de parábola existencialista, sobre o *ennui* e o “mal viver” muito contemporâneos: cada um terá as suas razões, à maneira renoiriana, mas o que importa, enfim, é *tentar*, porque, como explica à sua neta pequenita, interpretada por Abigail Breslin, o avô temperamental e heroinómano, encarnado por Alan Arkin, um falhado é aquele que simplesmente se esconde e não se chega à frente. O fracasso advém da cobardia de não encararmos a vida e de não enfrentarmos os nossos demónios, as nossas faltas e falhas. Cada personagem ilustra uma falha ou uma falta em particular de maneira simplista, mas revelando-se, ulteriormente, de forma complexa. Todavia, todas se envolvem – e se investem – numa viagem de autodescoberta rumo ao concurso de pequenas misses na Califórnia.

Como diz a dado momento, já chegada a família ao ansiado destino, o jovem rebelde interpretado por Paul Dano: “Que se lixem os concursos. A vida é uma porcaria de um concurso de beleza, um após o outro. Escola, liceu, trabalho... Que se lixe isso.” Apeetece dizer que foi preciso passar por toda aquela viagem para concluir qualquer coisa que transcende em muito uma circunstância temporal e historicamente situada: a vida é como uma série de concursos de beleza. Todas as personagens estão sob julgamento moral, vivem em tensão permanente consigo mesmas e, como corolário disso mesmo, guerreiam entre si. **Little Miss Sunshine** é um *road movie* que também parece ecoar outra necessidade urgente neste mundo em que tudo é objeto de competição, etiquetagens e de sumárias apreciações (vencedor ou perdedor): não podemos viver sem ternura, para citar o protagonista ativista, encarnado por Jean-Pierre

Léaud, de **Masculin féminin** (1966), uma das obras mais antropológicamente inquiridoras de Jean-Luc Godard.

Na realidade, o *road trip* é mais metafórico do que real, um pretexto para colocar os membros da família, com as suas inseguranças, frustrações e idiossincrasias, dentro de um mesmo espaço – quase apetecia escrever, como se fossem brinquedos, “dentro da mesma caixa”. O principal *décor* do filme tem rodas e é colocado em movimento, errática e irregularmente, desde Albuquerque até à Califórnia. Trata-se de uma velha furgoneta Volkswagen de cor amarela. É ela que transporta Frank (Steve Carell, num registo sério pouco habitual), o tio homossexual especialista em Proust que tentou pôr termo à vida por causa de um desgosto amoroso; Dwayne (Paul Dano, num momento de afirmação na carreira), um jovem que fez um voto de silêncio depois de ler Nietzsche e que sonha ser piloto da Força Aérea; Edwin (Arkin), o já referido velhote irritadiço com maus hábitos e a sua deliciosa neta, Olive (Breslin), que sonha em tornar-se “Little Miss Sunshine” no dito concurso e, enfim, vencer na vida. A conduzir as operações estão pai e mãe, Richard e Sheryl, interpretados respetivamente por Greg Kinnear e Toni Collette. Ele, paradigma americano do *self-made man* que acredita no sucesso a todo o custo, tenta vender um programa motivacional que tem como único objetivo eliminar o “loser” que existe dentro de cada um de nós, seus potenciais clientes. A mãe é a personagem pivô nesta história, procurando equilibrar os pratos das várias balanças que pretendem chegar ilesas ao seu destino, seja ele qual for.

Jonathan Dayton e Valerie Faris, casal de realizadores proveniente do mundo dos videoclipes e da publicidade, assinam este que foi, claramente, o filme-sensação de 2006, tendo inclusive vencido dois Óscares, o de Melhor Actor Secundário, para um, ao mesmo tempo, caloroso e irascível Alan Arkin, e o de Melhor Argumento, para Michael Arndt. Apesar de uma certa ligeireza assinalavelmente *pop* presente no tom geral do filme, encontramos nele várias características definidoras de uma certa família de autores que surge, nalguns estudos, debaixo da designação “Indiewood” ou da chamada “weird America”: vejam-se, neste particular, os filmes dos primeiros anos do século XXI assinados por Alexander Payne, Noah Baumbach, Spike Jonze, Jason Reitman e Wes Anderson. Encontramos, nalguns deles, personagens, normalmente adultos “infantilizados”, em luta consigo mesmos e ingressando numa viagem qualquer, por norma de auto-(re)descoberta, que neles despertará uma outra perspetiva sobre a vida, não propriamente dentro de uma lógica redentora (vencedora), mas de relativização do seu lugar no mundo (de aceitação do “loser” que há nelas e, por extensão, em cada um de nós) e, do mesmo modo, compreendendo, enfim, que as suas falhas e também as suas forças não são *em absoluto* falhas e forças.

O mais absurdo em muitos destes filmes – e nisto **Little Miss Sunshine** é um dos produtos mais acabados dessa “weird America” – pertence a quem acha *absolutamente* que sabe qual é o seu lugar no mundo ou que pensa em tornar-se um vencedor eliminando do seu mundo todas as dúvidas e incertezas, bem como todo o sofrimento e toda a estranheza. “No final da sua vida, [Proust] olhou para trás e concluiu que todos esses anos em que sofreu foram os melhores anos da sua vida, porque fizeram dele quem ele era. Todos os anos em que foi feliz? Um desperdício total”, diz – apetece antes dizer “ensina” – o tio suicida, Frank, ao jovem nietzschiano, Dwayne, numa altura em que já caiu por terra o sonho deste último de voar. Mas ainda antes de se saber se Olive ganhou ou não o primeiro concurso de beleza da sua vida.

Luís Mendonça